(Discurso da Coordenadora Geral do IV CBCL, Profa. Dra. Elizabeth Marinho, na abertura solene do conclave, dia 20/9/77, em Campina Grande — Pb.)

Senhores Congressistas:

Sois aqui o símbolo e o simbolizado!

— Sois um Sorriso Interior que emana do Coração Verde para alcançar a Madrugada que chega e onde, decerto, escutaremos Poemas de Bilu. (A. Meyer). Aqui, haveis de encontrar o Espelho Mágico e transportá-lo a Antares. Aqui, entre um che de simpatia e o sorvo do chimarrão crítico, faremos a roda nos “galpões” de Campina Grande! (RS).

— Conseguireis superar a dor do existir, a angústia de emparedado, se estiverdes iluminados por Faróis. (C. e Sousa) condutores de Verdade e Infinito. (SC).

— Podereis ser Contemplação (Tasso) e Lamentação :contemplação do eterno, lamentação do cotidiano (Trevisan). Seremos talvez a metáfora substantiva do compasso mecânico: Joãos e Marias de sombrias cosmovisões desvendadas epigramaticamente no Cemitério de Elefantas. (Paraná).

— Menos Jeremias Sem Chorar em Difícil Manhã e mais Reis sem Velas porque ao homem será devolvida sua liberdade mais primitiva. Menos legenda e mais evocação histórica para que os índios não permaneçam se entredevorando uns aos outros (S.P.)

— Aqui, ergueis vosso canto de instante porque o “instante existe”. Cantar movidos por idealismo redencionista, humanidade mais típica e consciência nacional: assim não haveremos de repetir a filosofia do esteta Floc ou a ironia amarga de Isaias Caminha: (Lima Barreto).

“A má vontade geral, a excomunhão dos outros tinham-se amedrontado, feito adormecer em mim o Orgulho, com seu cortejo de grandeza e de força” (Rio).

Não, Congressistas, sereis um cântico nos píncaros da Serra que vos abriga.

— Contemplareis o Açude Velho que resiste ao utilitarismo da vida moderna e fruireis a plenitude do momento que passa, como se fosseis vós Borboletas Amarelas (R. Braga — ES).

— Aqui representais o Nada/Tudo: tendes apenas “duas mãos e o sentimento do mundo”(M.G.)

— Peleja ou apostolado, primado de eloquência ou controle judiciário, carreis para cá os sons do Politeama, como se trouxésseis uma Réplica de missão social, vernaculização do idioma, ataque em prol da verdade e da justiça (Ba.)

— Relembrais, neste momento, os critérios nacionalistas na aferição crítica, procurando uma interpretação da cultura brasileira com base no fundamento étnico e popular. Determinismo sociológico ou evolucionismo darwiniano, o fato é que estamos presenciando o retorno triunfante do extra-artístico na valorização do fenômeno estético. (SE).

— Aqui estareis na melhor tensão dramática porque ostentais o Oceano do caipiresco, as Névoas do Problema, as Flamas do pathos (G. de Andrade — AL).

— Sereis vós, seremos nós — todos amigos do Rei, já não havên-

do tanto desejo de Pásargada porque a Demanda do Alumioso se consumará, instaurando, decerto, o 5.º Império!... (PE)

— Trouxestes o brilho do sete-estrela, as vestes de Cendrillon. A sabedoria proverbial, e questionamento mítico. O caso, a “moquerie”... A virtude da lenda, a herança da Gesta. Sim, com os natalenses está aquela disposição mental que vem atravessando tempo/espço como a mais categorizada das respostas. (RN).

— Personificais o polêmico de Beviláqua (CE), o lirismo metafísico de Souzafrade (MA), o sentimentalismo romântico de Felix Pacheco (PI). Paixões, muita paixão e o Luar do Sertão.

— Se configurardes o fantástico e o natural das Tropas e Boiadas (HC. Ramos), podeis também carregar, humana e lexicologicamente, uma Raiz da Fala que cala e fala, e cala e canta no melhor estilo goiano.

— Finalmente, Senhores Congressistas, sereis, dentre nós, Missionários (I. de Souza) de Belém, otimismo de Ressuscitados (R. Moraes) — sois vós a própria grandeza Amazônica!

Não, Campina Grande não está recebendo o Brasil. Dizê-la assim seria estereótipo... Nossa terra não tem a vocação do momentâneo ou da recepção episódica. Campina Grande quer, pede e exige o descortínio do permanente. Do Chuí ao Caburaí, da Contamana ao Cabo Branco, a nação brasileira é a constante mais constante do pensamento campinense, de nossa reflexão comunitária e universitária. Pensar a Borborema nessa perspectiva é pensá-la Símbolo, jamais emblema!...

A nossa geografia esqueceu a Paraíba. A Paraíba de Augusto dos Anjos e Lins do Rêgo! De Carlos Dias Fernandes e Ariano Suassuna, introduzindo nas Pedras do Reino o sobrenatural do fantástico-estranho e o insólido do pensamento estranho. As ilusões do fantástico-maravilhoso e as maravilhas do maravilhoso puro. A dúvida, a denúncia, a fé. O realismo crítico na ficção brasileira.

Da Contamana ao Cabo Branco. Sim, o Cabo Branco. Avlí, no extremo-leste, sob cantiga de onda e cochicho de palmeira, está fincado um dos extremos da Literatura Brasileira. E os céus de Tambaú testemunham um processo de criatividade que se renova a cada instante. E quem o diz é “Antes que me esqueça” e “Quarto Minguan-

te" — obras que denunciam o artifice na plenitude da elaboração contínua.

Campina Grande celebrando o Pré-Cinquentenário de A Bagaiceira — lição para o Romance Social do Nordeste mas também para as gerações pós-modernistas. 50 anos de Sol e Chuva. Sinfonia de Sol e Chuva no plano da expressão: Retórica do Estilo. Surdina de Chuva e Sol no plano do conteúdo: Retórica do Existir. E o Bagaço vai se perpetuando como Sociedade da Existência na polissemia da Locação — um caráter estético, uma consciência de classe!

Escritor Fernando Namora: V. Exa. é igualmente, um dos extremos da Literatura Portuguesa. Em que pese a profundidade de sua evolução ficcional, a parábola bíblica possui o segredo da excelência pelo que tem de sentida compreensão do problema classista, por conter os apelos do homem comum, por se cristalizar no condicionamento histórico-social.

Plano histórico de Malraux ou plano social do Silone, expressão de tensão dialética ou evidência de oposições. O Trigo e o Joio não nos dá o ser cósmico porque nos oferece o homem gorkiano, o homem enquanto unidade social.

Escritor Fernando Namora: a FACMA foi à Pátria lusa! E lá recebeu, pelas mãos de Gama e Melo, o melhor encômio de V. Exa. Era o esteta de "Casa de Malta" e "Homem Disfarçado" que reverenciava a Revista FACMA com trabalhos literários campinenses. O elogio puro porque nem pedido, nem encomendado.

Agora é V. Exa. que vem à Borborema trazido pela seriedade do Prefeito Enivaldo Ribeiro que, no primeiro ano de sua administração, enfrenta as tempestades que destroem cidades mas dá à sua terra natal o status de centro internacionalmente literário.

Se FACMA é CAMPINA (e já se vão 18 anos de trabalho vertical...) podemos dizer que FACMA foi a Portugal e Portugal veio à FACMA: "a casa limpa / a mesa posta, / Com cada coisa em seu lugar". Talvez o gesto final de quem já deve se retirar...

Já podemos dizer que LOAS e LÚCIO escolheram o Nordeste para o encontro. Não o encontro de seres repelidos pela sociedade em que se inserem. Não o encontro de posse e perda. Mas o encontro de quem quer "acrescentar grandes coisas ao mundo" (45).

Lúcio / Sol e Chuva / Brasil!
Loas / Trigo e Joio / Portugal!

E Campina Grande é a confraternização luso-brasileira!

E o que Campina vos dará, Senhores Congressistas? Campina — solo de Afonso Campos e Argemiro Figueiredo. De Rubem Navarra e Murilo Buarque. Paulo Pontes e Ademar Dantas. De Ana Higina, Andréa Pereira e Lizanka. Epitácio Soares e Elpídio Almeida. Lózinha Braga, C. Pimentel, Omega. De Raimundo Asfóra, Vital do Rego e Ronaldo Cunha Lima. De Ivanildo Vila Nova e Zé Gonçalves.

Campina do poeta Figueiredo Agra: um silêncio que fala porque antes de pensar as palavras procurou pensar o homem! “A linguagem é a casa do Ser. Em sua habitação mora o homem. Pensadores e poetas lhe servem de vigias” (Sobre o Humanismo).

Campina desta exuberante geração “Garafuja” sabendo como ninguém trabalhar o significante. Sabendo como ninguém explorar as potencialidades últimas do signo!

Que vos dará Campina?

— Nossa melhor crítica com Ricardo Soares e os seus acentos críticos ensaísticos.

— O abstracionismo do Pensamento com Moacir Carneiro.

— Enunciado ou enunciação que nele se introduza / signos afetivos ou atividade intuitiva / expressão de personalidade ou organicismo poético em sí / sucessão temporal de sons ou o “Eu e sua circunstância /, Elvo Clemente e Francisco Dantas também dirão que Estilo é organização e interpretação do Real.

— A fenomenologia na percepção de Juarez Batista e Vital Duarte.

— Os interstícios do intertexto brotado de um construir/destruir simultâneo, no enfoque de Gilberto Mendonça Teles e Ângela Bezerra.

— E os Cursos de Pós-Graduação? Podem ser transformados em laboratórios franceses ou norte americanos? César Leal e Luiz

Marcuschi dirão, talvez, que muitas teorias — apegadas ao sincrônico e à obsessão objetivista — não podem ser ministradas porque ainda em fase de experimento.

— É sabido que a Poesia não está nas estruturas e sim nos seus abismos e que a Linguística sendo apenas ciência da língua não tem competência para a leitura do Poético uma vez que exclui o silêncio. Não somos nós a autoridade da resposta. Para fazê-lo estará aqui a performance de Socorro Aragão e Lauro Junkes que certamente mostrarão a validade do modelo linguístico dando a dimensão formal do objeto literário.

— Consciente da essência estética, o mineiro aborda o literário sem tangenciar a literariedade, conciliando a especificidade da obra ao seu caráter social. Com Fábio Lucas teremos Literatura não como reflexo do real e sim como Visão de Mundo. Visão de mundo não como fatos individuais, porém “ponto de vista coerente e unitário sobre o conjunto da realidade”.

— Quer como tema, quer como técnica. O Duplo não pode ser confundido com **espelho da natureza e segunda natureza**. Nem imitação, nem expressão porque, nascendo das palavras, o fingimento poético representa a natureza imaginária de toda criação poética. Até a dor da existência sofre um processo de superação porque, nunca em tempo algum, a dor do poema se ligará à dor real. Se isso ocorre obtém-se o campo da paraliteratura. Aqui, encontraremos Leodegário de Azevedo Filho que, ao lado de Luiz Tavares Júnior, nos dirão que a mera falação em torno de conflitos humanos não significa Literatura. Se assim o fosse, muita gente seria elevada à categoria de Poeta ou Dramaturgo.

Na hermenêutica de L. A. Filho “é preciso que transforme, em emoção estética legítima, a própria emoção desses conflitos humanos e sociais, para que se tenha literatura”.

— Antônio Carlos Villaça trará a eternidade de Tristão: aquele “humanismo tocado pelas preocupações universalistas concentrado no conteúdo da expressão”, segundo o juiz do autor do “Dimensões”.

— Podemos estabelecer uma relação patológica com o texto? O ato criador é um transbordamento de neuroses? Como conciliar os elementos psicossomáticas ao caráter intencional do estético? A obra

explicada à luz dos complexos / imagens primordiais / dos temas mas, sobretudo à luz da psicocrítica postulada por Charles Mauron está presente no debate fecundo do Mestre Cidmar Teodoro Pais e do médico campinense João Pereira de Assis.

— Nelly Novaes Coelho abordará a Poesia Brasileira na qualidade de fenômeno específico do mundo da arte e nas suas complexas relações com as áreas do conhecimento e viver humanos.

— O escritor Carlos Henriques de Escobar, julgamos, não aceitará a legalidade específica da dialética da natureza pois, para que a realidade surja imediatamente em sua contraditoriedade essencial é necessário que se depure o real. A ele perguntaremos: até que ponto a redação imitativa, localista, pitoresca pode contribuir para o enriquecimento teatral de um povo, se sabemos que a Arte é menos o EM SÍ da realidade objetiva e mais mundo próprio dos homens, e muito mais conhecimento artístico do mundo?

Até que ponto o processo cultural será mutilado pelas falsas noções de universalidade, se é sabido que na Arte a singularidade e a universalidade são superadas pela Particularidade que é a categoria central da Estética?

Até quando o **consumo** prevalecerá sobre o didático e o épico da concepção brechtiana? Ao gênero dramático que se reservem tão só aqueles textos em que os relações reais aparecem através de uma representação sensível, evocadora. Uma dramaturgia onde o fenômeno penetrado pela essência esteja apto a expressá-la evocadoramente.

Já não podemos confundir Memória com Imaginação pois defenderemos Teatro como tensão criadora, síntese, conciliação dos contrários! Já não queremos Teatro enquanto consciência da coisa e só; postulamos Teatro como autoconsciência da humanidade.

— Uma voz se levantará aqui. A voz de quem pesquisa, de quem reflete e reflexiona. O mestre pensando, o homem pensante. Luiz Costa Lima explicará o quê e o porquê da precariedade no sistema intelectual brasileiro.

— Ninguém pode falar sobre Literatura de fora da Literatura. E aqui estamos tão só para uma repetição pública: a crítica é aquela “que deixa a poesia falar. É aquele que identifica na arte a

manifestação totalizadora do real. É aquela consciência de que só a linguagem simbólica é capaz de verticalizar o jogo tenso do homem e das coisas”.

“Criar não é copiar: é descer ao plano de articulação das possibilidades subjacentes na coisa. É libertar-se do externo através da própria obra. É dialética de interioridade e exterioridade, dando como resultado o terceiro olho. O poético dispensa significado, tornando imaginário o que é e deixando que a obra fale por si”.

Uma leitura assim, tranmanente e poética, “não é linguagem sobre, mas linguagem com: conhecimento, conascer! Por isso é preciso que percamos toda e qualquer ilusão sistemática, a fim de substituirmos a dicotomia pelo interrelacionamento de Verdade — Homem — História”.

A arte como verdade de manifestação de Ser através do Homem, pede uma Crítica fundada no **Texto** (Língua), no **Entrettexto** (ambiguidade) e no **Pré-Texto**. Crítica que se realiza para além do triângulo Autor / Leitor / Obra posto que implica novos questionamentos.

O Entrettexto — verdade da existência, possibilidade de liberdade, terceira margem do rio — seja talvez uma das diretrizes da Crítica Ontológica postulada pelo Mestre Eduardo Portella.

— Do Historicismo Romântico ao Biografismo (Beuve) Crítico, do Naturalismo (Comte-Teinc) ao Determinismo Científico (Romeiro), da projeção autobiográfica (Ribeiro) aos desdobramentos antagônicos da crítica marxista, do Formulismo à Estilística, ninguém melhor que Afrânio Coutinho para falar sobre a Crítica Literária no Brasil. Ele, fundamentalmente ele, que combativa e obstinadamente, protestou contra o impressionismo e o amadorismo crítico, provocando a renovação dos nossos estudos literários e implantando a Nova Crítica no Brasil.

O Governador Ivan Bichara — vontade férrea, formação humanística e ensaística de primeiro plano — quis realmente transformar C. Grande num centro conimbricense do saber literário. E graças a S. Exa. temos aqui a presença da melhor Crítica portuguesa. Teoria Literária em alto nível. Posicionamentos respeitados no mundo inteiro como provam as bibliografias da França e Estados Unidos onde V.M.A.S. aparece citado.

Prof. Vitor M. de A. e Silva: somos a aluna de V. Exa. e só consultas teremos de fazer. Mas, gostaríamos de ouvi-lo dizer, ao vivo, que não basta que uma obra seja escrita com elegância ou com vernaculidade para que, ipso facto, ascenda à categoria de Literatura". E que, "estes conceitos de amador — equívocos e confusos — são o responsável pela inclusão, nos manuais de história literária, de autores que de modo algum, se podem situar na Literatura".

Queremos ouvi-lo dizer que negar a importância da Teoria Literária no mundo profuso e desbordante da literatura, equivale a transformar os estudos literários em desconexos esforços que jamais podem adquirir o caráter de conhecimento sistematizado.

Eis, senhores Congressistas, o quadro crítico deste IV CBCL. Eis, portanto, o presente que a Borborema vos oferta. E a dádiva — já o disse bem — Dr. T. de M. Burity, nosso titular de Educação e Cultura só foi possível porque:

- o Prof. Ivan Bichara Sobreira foi o apoio maior;
- o Reitor Lynaldo Albuquerque foi a grandeza e solicitude imediata;
- o Prefeito Enivaldo Ribeiro foi o desafio;
- a Universidade Regional do Nordeste foi a carinho;
- a FACMA foi chama do ideal.

Eis o sonho realizado e não "o Congresso com gosto de ocase e sabor de podre", conforme escreveu uma inteligência perita em fomentar arestas, expert como fabricante de emulações. Que Deus o perdoe, diria Gama e Melo!

Nosso IV CBCL nasceu triunfante porque foi plantado no Palácio dos Despachos, frutificou na U.F.P.B. e foi acolhido pela FACMA e pela FURN. Nosso IV CBCL é o real de Enivaldo Ribeiro e as bênçãos do Espírito Santo. Só não tem uma atmosfera "festiva" porque as horas exigem profunda reflexão...

Nosso IV CBCL nasceu triunfante porque não foi moldado pelo intuito industrializador que vem desvirtualizando a cultura. Contrariamente, o IV CBCL recebe a orientação sadia das Secretarias de Cultura e Educação.

Nosso IV CBCL nasceu triunfante porque nasceu quali-signo para se tornar sin-signò. Outros serão o legi-signo. Queremos dizer: este é o 1.º Congresso de estatura internacional realizado em C. Grande: outros serão o 2.º... Hosanas ao Senhor.

E agora as palavras finais: A Lúcie, companheira, eficiência e responsabilidade. A Epitácio Soares que foi o despojamento e a palavra cumprida. Às minhas alunas de Teoria Literária. A Da Paz, Cé- lia e Lourdinha, dedos à máquina, horas a fio. A Seu Lyra, a Seu Leonel. A Jacinto e a Fátima — colaboração permanente. A HA / JEB / Zé Carlos / Montano / Pedrosa / Caroca / Josusmá Viana pelo testemunho de amizade pessoal. A Imprensa falada e escrita de mi- nha terra e do meu Nordeste — solicitude e entusiasmo. Aos que en- tenderam a importância da Carta de Princípios do IV CBCL, particularmente a Academia Pernambucana de Letras, Conselho Estadual de Cultura da Paraíba, Câmara Municipal de C. Grande e Escritor Antônio Carlos Villaça. A Adelzira — liderança, amor e pontualida- de. A VARIG, céus do Brasil!

A você, que vai aplaudir os grandes luminares da Crítica Lu- so-Brasileira!

Excelentíssimas Autoridades
Eméritos Homenageados
Mestres Nossos
Colegas Debatedores
Ilustres Presidentes das Sessões do IV CBCL
Amigos Congressistas
Gloriosa FACMA
Alunos da FURN e da UFPB
Jornalistas — Poetas — Escritores
Lucie e Epitácio
Meus Senhores / Minhas Senhoras:

Nós, convosco. Vós conosco. "Aqui somos todos irmãos: de ar, de lama, de água".